

Brasília, 6 de maio de 2021.

Às Sras. Diretora-Presidente e Diretora de Relações Internacionais do Centro Brasileiro de Relações Internacionais-CEBRI,

O Grupo de Mulheres Diplomatas, coletivo informal que reúne cerca de um terço das diplomatas brasileiras, gostaria de cumprimentá-las pela organização de relevante evento sobre a história da política externa brasileira, que ocorrerá entre maio e junho do corrente, e, ao mesmo tempo, expressar desapontamento com a falta de diversidade na composição do curso.

É nosso entendimento que uma reflexão sobre a História da Política Externa Brasileira irá beneficiar-se de uma perspectiva diversa, que não reforce estruturas desiguais de poder, em que as mulheres são relegadas ao papel de aprendiz, sem lugar de fala. Cabe enfatizar que a exclusão das mulheres dos debates acadêmicos sobre a Política Externa Brasileira tem relação com a discriminação de gênero, mas também com um processo de exclusão que tem origem na maneira como as relações internacionais são ministradas, privilegiando uma autoridade sobre o conhecimento esmagadoramente masculina e branca.

Nesse sentido, o Grupo sublinha que a autoridade sobre o conhecimento não pode estar vinculada a posições de poder que jamais foram facultadas às mulheres, como o posto de Ministro de Relações Exteriores, entre outros. Caso seja esse o argumento para justificar a ausência de mulheres em eventos de relevância como o curso de História da Política Externa Brasileira, as experiências das mulheres serão sempre descartadas. Há ademais várias maneiras de contar a História da Política Externa Brasileira. Priorizar a narrativa de homens brancos em posição de poder necessariamente produzirá uma visão parcial e excludente da trajetória das mulheres, historicamente privadas desses espaços de poder. Com apenas 2 mulheres entre 20 palestrantes homens e brancos, o curso promovido pelo CEBRI opta por contar uma versão da História da Política Externa Brasileira essencialmente excludente das experiências das mulheres e dos negros. Frequentemente interrompidas, as trajetórias das mulheres constituem *per se* um não menos relevante *expertise*, que merece ser exposto e discutido em eventos como os promovidos pelo CEBRI.

Cientes da relevante contribuição que prestam à Política Externa Brasileira, ainda que lamentavelmente não tenham sido nomeadas para exercer determinadas funções de comando na Secretaria de Estado das Relações Exteriores ou no exterior, o Grupo de Mulheres Diplomatas promoveu um resgate das trajetórias das mulheres diplomatas ao realizar o documentário “Exteriores: Mulheres Brasileiras na Diplomacia”. Primeiro registro dessa natureza, o documentário é importante referência sobre a História da Política Externa Brasileira, uma vez que traça um século de ação diplomática a partir da perspectiva das mulheres diplomatas. O documentário em apreço está disponível gratuitamente pelo endereço <https://youtu.be/wLysBpHjyc8>.

No Brasil, há uma pluralidade de mulheres na academia, no jornalismo e na sociedade civil, com ampla e sólida experiência nas mais diversas áreas das relações internacionais, como paz e segurança, direitos humanos, comércio e desenvolvimento, entre outras. O Grupo de Mulheres Diplomatas nota, entretanto, que há precedentes, entre os eventos organizados

pelo CEBRI, em que as mulheres estão completamente ausentes dos debates ou, no máximo, detêm o papel de mediadoras ou de ouvintes nessas conferências. De maneira propositiva, o Grupo se dispõe a manter diálogo construtivo com o CEBRI sobre maneiras de promover a igualdade de gênero em seus eventos, bem como se dispõe a recomendar mulheres especialistas nas diversas áreas do conhecimento em relações internacionais para que o CEBRI mantenha um banco de dados atualizado ao qual possa se remeter para o curso sobre história da política externa brasileira e para outros futuros seminários.

Atenciosamente,

Grupo de Mulheres Diplomatas